

O aspecto econômico na orientação profissional

ADALBERTO DE LYRA CAVALCANTI

O HOMEM, lutando pela sua sobrevivência, criou no passado um verdadeiro esmagamento da personalidade quando adotou a servidão humana como um dos meios de conseguir, à custa de um grupo, os meios de subsistência. Assim é que tivemos três épocas onde o trabalho humano serviu para grupos mais fortes, plena escravatura, sem que direitos lhes fôssem assegurados, tinham apenas deveres. Essas três fases foram, dos tempos imemoriais até a Idade Média, na Idade Média e daí até a Idade Moderna e a Idade Contemporânea com a servidão à máquina. Dominavam os grupos mais fortes sobre os grupos menos resistentes, subjugados ora pelas armas ou pelos preconceitos de sangue, ora pela detenção ostensiva dos meios de produção. Depois da primeira guerra mundial, 1914-18, o trabalho tornou-se um meio de assegurar a subsistência da sociedade, surgindo então o direito de saúde e de salário que não existiam, passando o indivíduo proletário a ter uma expressão definida como força social. Era o pleno desenvolvimento da máquina com as suas novas características exigindo novas técnicas e portanto um novo homem, o técnico, o aprendiz, enfim, uma orientação diferente do trabalho rotineiro do passado. O indivíduo necessitava de um aparelhamento profissional em si mesmo, uma nova idoneidade para movimentar a ferramenta diferente que lhe punham nas mãos. Inúmeros problemas surgiram, novos ambientes e novas exigências ocupacionais. Riscos e doenças profissionais, toda uma série de coisas que nunca o seu cérebro imaginou, corolário dessa ciência que surgia e crescia dia a dia, a Ergologia, a ciência do trabalho. Uma atração diferente pelo novo trabalho foi criando raízes em seu inconsciente, pais e filhos, famílias e famílias e a massa operária crescia com a maquinaria que se subdividia em mil peças estranhas. Na aurora dessa época memorável surgia a imperecível figura de Robert Owen, em New Carnack que, de simples fiandeiro chegou a ser o chefe de poderosa empresa industrial, inaugurando um efetivo programa de reformas sociais, criando o verdadeiro e digno socialismo evolutivo, prático e objetivo, revolucionando o meio industrial da época. Owen limitou as horas de trabalho, interdito o trabalho do menor, enviando-o antes à escola e ao aprendizado, criou uma caixa econômica, teatro, campo de recreio e férias remuneradas, aposentadoria para os velhos, e lucro proporcional aos seus operários, criando um sistema humano de trabalho que se fôssem seguido pelos seus sucessores no mundo inteiro talvez as greves, revoluções e guerras, tivessem sido reduzidas ao mínimo ou mesmo não existissem mais.

Com a imperiosa ascendência da máquina, com os problemas ergológicos que surgiram a assistência ao motor humano cresceu de valor e daí o nascimento da psicotécnica que teve em Cattell, Parson, Munsterberg, Kraepelin, Stern, Ferrari, Binet, Toulouse, De Sanctis, Decroly, Claparède, Rossolimo, Mosso, Piéron, Mira, Boccia, Walther, Fingermann, Kaplan e uma infinidade de psicólogos outros, que seria ocioso citar, teve o incremento necessário para erigir hoje em uma base inteiramente científica a orientação e a seleção profissionais.

Esse campo vasto da psicotécnica, onde mourejam milhares de testes os mais variados e muitos desnecessários, tem hoje normas seguras para orientar o jovem que necessita ter o seu rumo definido na vida. Assim é que, dentre cerca de 20.000 testes conhecidos, uma centena vingou como útil e objetivo. Estudamos o motor humano em todas as suas peças psico-somáticas, desde a análise do ambiente, a sua autobiografia, as influências genéticas até o seu biótipo e as suas vivências adormecidas, a fim de fazer vir à tona as suas vocações mal definidas. Hoje a O. P. tem apoio na Sociologia, na Geopsicologia, na Biotipologia, na Psiquiatria, na Clínica Médica e em várias especialidades médicas, enfim, num acervo de provas científicas consagradas que não falham porque partem do indivíduo e do meio em que vive, num estudo sério. A Tecnopscologia tem portanto o direito de ser ouvida em qualquer setor de trabalho pois conseguiu enfeixar em suas mãos o segredo do maior rendimento do trabalhador, como criar os métodos de evitar que esse operário venha a se fatigar facilmente e daí os acidentes de trabalho, o absentismo e a queda da produção. Temos assim uma nova segurança no trabalho com o auxílio precioso e inestimável da O. P. que, pacientemente, conduz o motor humano, evitando o seu desgaste rápido e a sua cooperação cada vez mais eficiente. A O. P. não se limita a dizer ao candidato que ele tem probabilidade em tal profissão. O papel da O. P. é, não só despertar vocações, incutir o entusiasmo como também, no campo econômico, planejar para o futuro, criar a nova mentalidade trabalhista em uma nova concepção de vida, corrigindo defeitos sociais e econômicos. Ao lado do sentido vocacional a O. P. tem uma responsabilidade maior que atinge os domínios da psicanálise, penetrando a fundo no inconsciente a fim de libertar recalques, complexos e problemas sexuais — que imbricados, emaranhados, perturbam o indivíduo e diminuem a sua capacidade de trabalho.

A O. P. visa três problemas vitais: o econômico, o ético e o social e que se traduzem no trabalho, na distração e no repouso. A vocação é uma libertação do inconsciente, são vivências que determinam tendências de menor esforço e prazer e que, num trabalho atraente, agradável, satisfaz recalques infantis, estratificados. A psicologia infantil tem um papel relevante na O. P. Dramas da vida adulta originados por traumas na época infantil podem ser solucionados com uma boa O. P. A vocação é essa liberdade instintiva que nada mais é que a alegria de viver e que, não bem conduzida, nos dá os distúrbios psicossomáticos indo até ao fracasso profissional e à falência econômico-social do indivíduo. Esse fracasso pode também depender de uma injustiça social, do injusto reconhecimento do seu esforço pelo empregador, particular ou estatal. A psicologia aplicada ao trabalho visa tanto ao indivíduo como ao meio coletivo, à prosperidade do país. O ideal seria o indivíduo, desde a mais tenra idade, ter assistência integral de um médico psicologista a fim de observar a sua mentalidade e ir aconselhando desde cedo a criança e os próprios pais, conduzindo-os para a vida real, demonstrando as necessidades econômicas do meio em que vivem com suas espantosas surpresas. Como a árvore que necessita de sol e boa terra para crescer e frutificar, o adolescente necessita de uma luz espiritual para o guiar e aquecer, orientando-o na vida. Isto seria o ideal. Esse auxílio psicológico criaria homens mais adaptáveis e menos agressivos porque iriam vendo o mundo como realmente é e não penetrariam no trabalho, na vida social, como sonâmbulos, a maioria das vezes. A análise profissiográfica tem que enveredar tanto pelo estudo do indivíduo como do meio ambiente, analisando o trabalho ora pelo lado energético, evitando a monotonia, a fadiga, o absenteísmo e as tecnopatias, (acidentes e doenças profissionais), como sob o ponto de vista econômico-social a fim de evitar essa grave doença coletiva que chamamos de "chômage". A O. P. beneficia a empresa ou empregador com a análise ocupacional e o âmbito social-econômico com a análise profissional. Temos assim a prevenção de acidentes, um dos maiores fatores de diminuição de produção, beneficiada largamente com a O. P. que ajusta e reajusta o trabalhador na sua profissão adequada, traçando normas substanciais que impedem, em grande escala, os riscos profissionais. As estatísticas aí estão de eminentes psicólogos e cientistas do trabalho com provas concludentes de quanto o motor humano é o principal responsável pelo acidente, quando está mal adaptado. Tem, portanto, a O. P. um imperativo econômico da mais alta valia, tanto assim que na 31.^a Sessão da Conferência Internacional do Trabalho, em São Francisco, em 1938, foi a 5.^a questão em ordem do Dia, com uma projeção mundial de tal relêvo que obteve a resposta imediata de todos os países inscritos com um justíssimo apoio integral. Anteriormente, em Montreal, em 1945, a O. P. foi discutida exaustivamente, sendo considerada como

e preâmbulo necessário a toda formação profissional, não só como determinação de aptidões individuais do futuro trabalhador como meio de adotar as preferências ocupacionais às necessidades do mercado do trabalho. Na 29.^a Sessão de 1944, da C. I. do Trabalho, foi aprovado um projeto concernente ao exame médico de aptidão a emprêgo dos menores em face dos distúrbios econômicos provocados pela guerra. E assim foram considerados esses problemas econômicos, postos em evidência na última Conferência em junho deste ano, aonde ficou estabelecida a definição da O. P. deste modo: "entender-se-á por O. P. o auxílio dado aos adolescentes na escolha duma profissão apropriada às suas capacidades e às suas inclinações, observando as necessidades da mão-de-obra com as condições que melhor desenvolvam a sua personalidade e permitindo ao indivíduo retirar de seu trabalho o máximo de satisfação assegurando outrossim a utilização ótima dos recursos produtivos". Uma grande definição abrangendo todo o conteúdo dessa nova orientação para o auxílio aos que trabalham. No mesmo momento foi dada a definição dos conselhos profissionais com a diferença apenas que se dirigem aos adultos. O indivíduo tem assim que se dedicar a uma profissão adequada que lhe dê o seu sustento satisfatório e dos seus e que lhe permita ser útil ao meio em que vive, ampliando o sentido geral da O. P. para um ambiente maior, o da economia do país. Há imperiosa necessidade de o orientador não se deixar levar somente pela eflorescência das vocações. E' preciso que se aprofunde mais e vá arrancar das íntimas fibras do inconsciente, tendências marginais e necessitam de um apoio, de uma luz, para se projetarem. E' imprescindível o orientador passar de testes especiais — mecânicos, para outros testes verbais e abstratos a fim de verificar quais os que o adolescente se firma melhor. A vocação tem vários prismas. Um mecânico pode, bem orientado, dar um esplêndido ceramista como ainda um bom linotipista, arquiteto ou taquígrafo. Nos subterrâneos do inconsciente há muito de oculto — que vem à tona com os testes projetivos e com o exame psiquiátrico. A O. P., apoiando-se na biotipologia e nos outros exames médicos, indicará qual ou quais os mais propícios, tomando sempre como alicerce as necessidades do meio. Estão de acôrdo todos os psicólogos em que a criança entra em sua fase racional ou de "assunção" como diz Piaget, entre onze e doze anos, quando já se estabelece uma espécie de potência criadora e libertadora, como que o ser vai sentindo já uma influência gênito-sexual, a espécie vai sentindo uma ânsia de sair do seu invólucro ancestral, embrionário, genético; o frio glacial vai sendo aquecido e o indivíduo como que vai tomando conta de si mesmo, se despreendendo dos laços familiares. E' a época da "socialização do seu pensamento", já a sua consciência percebe as necessidades ambientes e com o evolver crescente do raciocínio vai compreendendo a lógica das forças econômico-sociais. Partindo deste ponto, quase todos os países estão acelerando o

ensino pré-profissional nas escolas. A O. P. está invadindo esse campo ótimo para experimentos magníficos, estudando a criança nessa época ótima para as primeiras encenações vocacionais. Os objetivos sociais e econômicos, cada dia mais preponderantes entre as nações, as impelem a que não se descuidem da O. P., pois é, no momento, o auxílio precioso que tem para dirimir problemas graves, como o absentismo e os acidentes do trabalho, fontes de quedas violentas da produção. O homem deixou de ser um animal político para ser um animal econômico. O desenvolvimento material do mundo, a criação das riquezas e o advento da máquina, tornou o homem um ser novo, digno de outras considerações, com novos deveres porém com severos direitos. A evolução econômica suplantou a evolução política, nenhum país sobreviverá apoiado somente nos bons pensamentos, absorto em filosofia e arte. Modificadas as condições materiais da humanidade, novos incentivos vieram com as mesmas e o homem se viu envolvido em novas concepções realistas que é a produção, a mais intensiva possível para evitar a fome e o desajuste do organismo, de um lado, e as conquistas sociais de outro lado, apelando para liberdade e novas formas mais humanas de se viver, ou seja o idealismo democrático. Tanto o passado como o presente têm proclamado que a vida de uma nação depende do seu valor econômico. Embora a economia seja um grande ramo da Política é lógico que o mundo se preocupe cada vez mais com o sistema econômico da sociedade a fim de fazer cessar o pauperismo, a "chômage", a criminalidade, o vício, as revoltas e as guerras. Sonho, utopia, mas dentro das possibilidades humanas, quando o homem chegar à conclusão que veio ao mundo para usufruí-lo da melhor maneira e não para ser uma eterna vítima de injustiças e ódios inexplicáveis. Assim como o indivíduo tende a procurar a sua independência econômica, as nações também procuram vencer as etapas mais difíceis no setor econômico e confiam em seus técnicos que ora se superam, ora fracassam porque não possuíam a necessária orientação. Não foi em vão que Alexis Carrel preconizou a necessidade da fundação de um Instituto de Civilização onde se estudassem o homem e as suas manifestações ecológicas bem como os fatores econômicos em relação ao mesmo.

Enquanto ainda se discute as teorias genéticas mendelianas com os experimentos de Weismann e De Vriés, de um lado, e do outro lado Mathias Duval e outros, com a teoria da herança dos caracteres adquiridos, não devemos perder tempo, a O. P. não deve ficar restrita a dúvidas que só acarretarão falsos conceitos. No grande capítulo das aptidões não podemos ficar em discussões estéreis. Verificada a disposição natural para a aquisição de uma capacidade e de uma eficiência, a ação deve ser pronta, de acordo com as exigências do momento. Vimos como as aptidões intelectuais variam mais que as manuais e musculares e isto devido ao contágio mental, prendendo-se ao grau de instrução e da natural am-

bição dos indivíduos mais instruídos. Entre cerca de 300.000 profissões conhecidas, o homem tem que oscilar entre uma dezena, pelo menos, até afirmar a que mais lhe é atraente, e eficiente.

Juan Kaplan bem afirmou: "a escolha de uma profissão está condicionada primordialmente pelo meio ambiente". Sem desprezar o que temos sempre afirmado quanto ao valor do exame biológico e neuropsiquiátrico, encaramos hoje, de frente, o problema econômico como base sólida na O. P. A O. P. depende muito de fatores independentes da herança. Há fundamentos econômicos e sociais que estão atualmente preponderando na escolha das profissões. E é o incentivo, a ambição de melhorar no meio social, a "fôrça positiva" citada por Dutton. E' o interesse e o ambiente agradável do trabalho coadjuvado pela satisfação econômica que induz o indivíduo ao sucesso. Se as condições econômico-financeiras fracassam, o poder da vocação diminui, o estímulo desaparece e o rendimento baixa. E' como uma luz que diminui, não deixa de ser verde ou vermelha, mas o seu brilho se modifica. Assim no indivíduo, a inclinação e a aptidão se conservam, mas, perdida a fé, a razão de ser do seu trabalho, como fim útil a si e aos seus, a revolta se instala e não há mais a eficiência almejada. O reconhecimento honesto de quem trabalha é a principal obrigação do patrão, trabalhista ou estatal, a fim de evitar o desânimo do servidor ou operário. A moral no trabalho, a justa compensação do esforço de cada um, vale por metade da vocação. Lewis Meriam diz com acerto que: "o favoritismo nos empregos traz um efeito negativo na produção". Pode-se considerar, como um acidente do trabalho, o traumatismo moral produzido por uma preterição numa promoção. Como diz Sanderson que "o nosso dever é descobrir aptidões latentes e oferecer oportunidade para que se desenvolvam", a questão está em que essas aptidões floresçam em ambiente apropriado onde o indivíduo lute e trabalhe com a certeza de ser bem e honestamente recompensado. O fim da O. P. é lutar contra o fracasso e é com este mister que todos os técnicos na Administração, trabalhista ou governamental, têm que se aprimorar, fazer justiça aos que merecem, pelo seu esforço e pela sua eficiência. Platão já afirmava que "os empregos devem ser diferentes segundo a diversidade das naturezas humanas". Como diz muito bem Arlindo Ramos, em seu magnífico trabalho "Psicologia Aplicada ao Trabalho": "o trabalho por mais rude, monótono e desinteressante que seja para os outros, assume ao portador das aptidões o mesmo encanto da produção artística". Dentro desta verdade, expande-se a vivência, inconsciente e duradoura, à espera, entretanto, do reconhecimento do seu justo valor. O fato é que, no âmbito da O. P., devemos pesquisar — tanto a fôrça do inconsciente, ou sejam as aptidões como a fôrça consciente ou seja a necessidade do indivíduo no meio. Embora se reconheça o poder incoercível, tumultuoso, do

inconsciente, a verdade é que o consciente tem a necessária capacidade para verificar o que mais lhe convém e daí, o imperativo, sempre, do aspecto econômico. A técnica se firma nas camadas inconscientes mas depois de filtradas pelas categorias mentais do consciente e assim, muito a O. P. pode concorrer induzindo, conduzindo, mostrando o lado prático da vida. O rendimento do trabalho humano dependendo da capacidade somática e da capacidade intelectual, tem fundamentos bem nítidos na esfera ambiental. Helly afirma que o aumento de alienados nos Estados Unidos, nestes últimos 50 anos, se deve à deficiente profilaxia social da adaptação econômica. Devemos canalizar as tendências como devemos estimular a inspiração dos poetas e dos pensadores. A lei de Malthus deve estar sempre presente no espírito de todos os psicotécnicos, pois a subsistência não aumenta na proporção dos indivíduos e assim os alimentos não são suficientes em calorias, pelo menos, no momento, para a população mundial. O que deve haver sempre é essa convergência para um trabalho perfeito, seja ele qual for. Lincoln dizia que "no mais simples trabalho, cada um devia porfiar em fazer o melhor, mesmo o trabalho ridículo de apanhar alfinetes à porta de um café de luxo". O século da criança foi substituído pelo século do aprendiz. Este é uma criança desenvolvida, o adolescente que necessita também de todo o amparo biológico, intelectual e moral. Temos todos nós, um poder oculto, uma inclinação para certos objetivos e é a O. P. quem desperta, aos nossos olhos, tais objetivos. O palco da vida é imenso e os refletores, que são no caso as influências ambientais, incidem sobre nós conforme o nosso biótipo. Somos um ser dependendo de forças biológicas, sociais e cósmicas. A adaptação individual e social se faz lentamente e daí a necessidade desse ajustamento vir desde a infância. A angústia contemporânea provém desse desajustamento de muitos indivíduos mal situados em suas ocupações, ora fracassando porque estão no lugar errado, ora porque vítimas de injustiças dos empregadores, que também necessitam de uma O. P. nos cargos de chefia. Cumpre, na O. P., ações positivas de adaptação e não de restrições. O indivíduo desde a infância, tolhido em suas ações, vai perdendo o contato com a realidade e ensimesmado, interiorizado, torna-se um fantasma de si mesmo, sem ambição, sem estímulo. A O. P. deve ser a grande estimuladora: tornar o aprendiz um candidato do dinamismo, à coragem de enfrentar situações as mais diversas, sempre com presença de espírito, animado pelo complexo do triunfo. O indivíduo, sendo um ser influenciável por excelência, porque depende do progresso constante, tumultuoso e atordoante que o cerca, é presa do contágio mental diariamente, dourando ou enferrujando a sua mentalidade conforme as boas ou más situações ambientes. Adler já afirmava que "conhecer alguém é perceber seus planos de vida". O trabalho tem que ser fixado como um ato humano, de caráter social e econô-

mico, merecendo assim um apoio desde cedo, desde o lar e a escola, dos poderes públicos e da classe patronal, a fim de ser possível uma estruturação forte, decisiva, progressista para a ótima saúde mental e moral das nações.

A O. P. não pode mais ser esquecida ou mesmo colocada em plano inferior no setor do trabalho. A tecnologia, estudando a aptidão e a capacidade do indivíduo, analisando as suas tendências e indicando o justo campo de suas atividades ocupacionais, é hoje considerada indispensável nos grandes centros industriais e comerciais com o fim de um melhor rendimento. A O. P. deve eliminar certas atividades incompatíveis com a saúde do indivíduo mas ao mesmo tempo indicar outras, enquanto a seleção vai cooperando no aprendizado, quais os mais capazes. Ainda são os ensinamentos de Munsterberg que nos guiam no setor da psicotécnica. Ele dizia que qualquer trabalho profissional requeria um certo grau de interesse vocacional, ou atrativo; um certo grau de conhecimentos técnicos e um certo grau de energia e perseverança. Esses graus encerravam origens afetivas, intelectuais e volitivas. Gregório Fingermann, em seu trabalho sobre a "O. P. e seus fundamentos científicos" já prevê o seu valor transcendental quando salienta as influências geopsicológicas, telúricas, como sejam o calor, o frio, a paisagem, a luz, a bruma, a planície, a montanha, a selva, os pântanos, o deserto, o mar, a neve etc. e as influências genético-sociais como sejam povo, habitação, religião, economia, doenças, desajustamentos íntimos, hábitos, língua, arte, lendas, música, etc., tudo isto influenciando na escolha de uma profissão. Em 1920 a Liga das Nações promoveu o Primeiro Congresso de O. P., depois em 1922 e uma terceira reunião em 1930, tal o conceito que a O. P. conseguira nos meios mais idôneos no momento. A formação profissional por intermédio da O. P. é um atestado de civilização de um povo. A Nova Zelândia é um dos países que mais vem se interessando nesse assunto, adotando fichas desde o 1.º até o 4.º ano de curso primário, com o nome de ficha de desenvolvimento.

A outra, chamada ficha pedagógica de orientação profissional, abrangendo já a vocação, as iniciativas relativas ao trabalho, e por fim, uma terceira ficha com interrogatórios e demais provas psicológicas para O. P. O valor da formação profissional está consagrado mundialmente e as nações que não adotarem a O. P. como seguro roteiro para seus trabalhadores, pagarão caro no futuro. O ambiente familiar escolar e social influi consideravelmente na escolha das profissões. É um fato conhecido, analisado, e consagrado entre todos os técnicos no assunto. Cria-se assim na mentalidade essa vontade-reflexo de que nos fala Ribot. O indivíduo vai adquirindo do meio gregário um *substratum* novo e do fundo poderoso do seu inconsciente irrompe para o exterior uma vontade, uma ânsia estranha, misto do seu con-

teúdo psico-somático ancestral e das aquisições mnemônicas ambientais. Com justa razão, dizia Liebault que nós "nos impregnamos das idéias que fazem atmosfera em redor de nós". E' que as idéias e os fatos que nos cercam vão se estabelecendo com tal persistência em nós, de tal forma, que chegamos ao ponto de acreditarmos que são nossas vivências quando são de outrem; não vieram de nosso ideótipo. Le Dantec já afirmava "é a questão mais delicada e mais controvertida saber determinar num ato do indivíduo, o que pertence à hereditariedade ou à educação". Assim como o meio social é o caldo de cultura para o criminoso o é também para o estímulos de uma profissão. Lacassange dizia que as sociedades tinham os criminosos que mereciam, assim também têm os técnicos e os profissionais que necessitam, a influência econômica predominando indiscutivelmente. Montesquieu dizia que "várias coisas governam os homens; o clima, a religião, as leis, os acontecimentos do passado, os exemplos, os costumes e os modos de agir dos que os cercam". Palavras simples mas verdadeiras. O mimetismo que no vegetal é uma imitação defensiva, no homem o é também, no sentido de uma ambição a conseguir. Imitar é superação, é estimular as ações. A O. P. tem assim que averiguar, não só o que o indivíduo manifesta no teste ou no seu biótipo, mas verificar o porquê êle manifesta de tal modo e conduzi-lo. Muita orientação mal conduzida tem impellido indivíduos para profissões inadequadas. Dependendo assim do técnico analista, apressado, desidiioso ou mesmo ignorante, erigido para o que não foi indicado.

Devemos nos lembrar daquela fábula oriental, onde uma terra aromática dizia: "eu não era senão um barro ordinário antes que as rosas fossem plantadas em mim". A O. P. tem que ser até certo ponto sugestiva, incitante, evocando aptidões adormecidas, não agindo displicentemente e adstrita a testes que podem falhar. Todo indivíduo tem a sua luz própria mas a O. P. pode corrigir, ampliar e dirigir essa luz para um fim útil a si e à sociedade. Não é possível se fazer do psiquismo de um indivíduo normal uma adaptação a tal ocupação desde que tenha uma mínima vocação para essa profissão. As inclinações de cada um são em grande escala; o que tem havido é falta de pesquisas dessas inclinações. Afloram as mais superficiais mas existem outras que vivem como que boiando no seio das águas, no inconsciente sempre esquecido e avarento em se revelar. Deve sempre o orientador profissional não se limitar a um teste e sim a vários testes e procurar sempre incutir, sem forçar, mas insinuar profissões que mais o país necessita, uma O. P. positiva e progressista. A vontade e a inteligência têm seus idiotas e seus gênios como dizia Ribot. Assim a O. P. não deve arrimar-se em Q. I. mirabolantes. O que interessa é o bom rendimento econômico e portanto a perfeição do trabalho. Hoje, para todas as profissões, com as normas recentes de reeducação e readaptação, há lugar para débeis,

cegos, aleijados e inválidos de toda a natureza. O ajustamento entre o trabalhador e o trabalho tem que obedecer a uma convergência de influências econômicas e sociais, a uma preocupação dinâmica de fatores inseparáveis do bem-estar das nações no seu progresso coletivo. Ao requisito das vocações e aptidões como do aprendizado e da eficiência, deve haver o inquérito de cada país, das necessidades do *quantum* precisa de indivíduos aptos para tal ou qual profissão, numa decisiva luta contra o desemprego. Aumento de produção a alegria no trabalho, eis a chave da O. P. dos psicotécnicos que vão indicar quais os doadores de energia ou sejam os proletários em geral. O trabalho sendo a energia humana aplicada a um fim útil, econômico e social, com a desorganização internacional que se estabeleceu depois da última guerra, com os deslocados e vítimas da guerra, inválidos e diminuídos nas suas capacidades físicas e mentais, o trabalho hoje em dia deve ser olhado através da O. P. a fim de ser evitada a incidência do absentismo, dos acidentes e doenças profissionais, fatores da queda da produção. A educação e reeducação profissionais, eis a tarefa máxima no setor trabalhista. Ao invalidado não se deve dar esmolas e sim, trabalho adequado, numa recuperação sadia, moral e econômica a fim de não ser um peso morto na sociedade, mesmo um futuro criminoso. Henry Ford nos deu um preciso exemplo de como se pode adaptar indivíduos quase arruinados fisicamente, considerados improdutivos. Cesar Madariaga, em seu estudo sobre Reeducação Profissional, nos aponta as medidas sobre a proteção, a colocação, a aprendizagem e a orientação profissional do inválido, com o fim de integrar na sociedade um indivíduo considerado inferior, reabilitando pelas normas psicotécnicas um novo trabalhador, mais um elo para a cadeia econômica do país. O candidato a uma profissão tem assim de ser estudado desde a sua estrutura biotipológica e mental, como e com grande mérito, estudado e pesquisado nas consequências ecológicas, habitação, alimento, vestuário, clima, paisagem, distrações, família, hábitos sexuais, um biograma completo. O adolescente tem forte predileção para ser tratado como adulto e devemos aproveitar êsse ensejo, estimulando-o em suas predileções, acenando sempre com um fim econômico, ensinando-o a pautar gastos inúteis e a se julgar sempre um ponto alto na vida coletiva, deixar de ser um número inexpressivo mas, futuramente, um precioso auxiliar na grandeza de seu país. Dessa luta, entre o instinto que sente a influência do meio e reage ou cede, procurando fazer prevalecer a sua força ancestral, surgirá o homem necessário, o homem econômico-social de nosso tempo. A tendência atual é o da industrialização. A maioria das nações pensa hoje mais na máquina do que no alimento; o adolescente vive a pensar mais em ser mecânico e carpinteiro, do que ser camponês e agricultor. Com a mais justa razão, a indústria atrai cem por cento a imaginação da mocidade e o êxodo dos campos para

as cidades não é somente pela beleza das mesmas e sim, pelo melhor salário enganador muitas vezes, com a carestia contemporânea. Em um inquérito promovido no Serviço de Psicotécnica, em organização, no Ministério do Trabalho, apuramos a tendência manifesta, em grande escala, das vocações seguintes: em 1468 menores, de junho a agosto de 1949 (menores entre 14 e 18 anos, do sexo masculino):

Mecânico	352
Marceneiro	134
Alfaiate	130
Carpinteiro	129
Bombeiro (hid)	121
Eletricista	117
Chofer	110
Marmorista	101
Estucador	96
Serralheiro	59

e outras com menos de 20 preferências.

A maioria escolheu suas profissões independente da vontade da profissão paterna. Nota-se a predominância do fator econômico e a sugestão aviatória. A maioria, 212, desejavam ser mecânicos de aviação porque achavam uma ocupação atraente e porque teriam ótimos salários, de acordo com as suas instruções e meios familiares. Os testes posteriormente empregados, de Puzzle, Del Olmo, Tapping, memória de formas e atenção, inteligência espacial, verbal e abstrata, e em alguns o Miocinético, nos deram uma confirmação de desejos em cerca de 90%. Carl Rogers, da Universidade de Chicago e Frederic Allen, da Universidade de Filadélfia, preconizam, com muita razão, uma psicoterapia prévia intensiva, antes da aplicação dos testes. Em nosso trabalho ao primeiro Congresso Argentino de Medicina do Trabalho, sobre a "Importância do exame psiquiátrico na O. P.", também sugerimos o exame mental antecipado aos testes psicológicos. Os testes projetivos como o Rorschach, Miocinético e Thematic, devem ser aplicados quando surgem dúvidas mentais, quando temos necessidade de descer aos abismos do inconsciente rebelde, quando encontramos adolescentes difíceis ou agressivos, quando há recalques e complexos muito incrustados e imbricações sexuais. Em um inquérito procedido por Helena Antipoff, em Minas Gerais (Brasil), entre 1929 e 1934, apurou-se, como vocações predominantes:

Mecânica	46%
Chofer	24%
Carpinteiro	18%
Marceneiro	17%
Alfaiate	13%

Responderam os examinados que preferiam essas profissões por serem as mais honestas e rendosas.

As vocações impostas pelos pais não vingaram. A participação econômica veio em primeiro plano. A comissão das indústrias têxteis, em 1947, em

Genebra constatou a precariedade da formação profissional e fez um apelo a todos os países a fim de fomentarem a mão-de-obra, bem orientada e selecionada, com o fito de não cair a produção mundial, acarretando uma crise sem precedentes, uma "chômage" por círculo vicioso. Assim estão todos empenhados em melhorar as condições do trabalho e da vida dos trabalhadores com uma nova O. P. para os aprendizes de tecidos, um tanto descurada e necessitando de bons fundamentos para um melhor rendimento. Foram focalizados o ensino técnico dos aprendizes e operários adultos.

O recrutamento dos jovens trabalhadores deve, portanto, obedecer sempre aos critérios da O. P. A maioria dos países consideram que os melhores resultados são obtidos com uma adesão voluntária dos adolescentes às exigências dos centros de O. P. Outros admitem que nas escolas se faça um exame vocacional, preparatório, do exame completo nos serviços de O. P. Em outros, ainda há uma tendência a exigir de todos os candidatos a emprêgo um prévio exame de O. P. No Brasil, a tendência é a da sistematização deste ponto de vista: todo adolescente, entre 14 a 18 anos, antes de se empregar, ter a obrigação de passar pela filtragem de um serviço de O. P. no Ministério do Trabalho. Acreditamos que em 1950 este serviço esteja plenamente organizado.

No Canadá e nos Estados Unidos, o caráter é facultativo, o menino é livre de escolher a sua profissão. Fazem, contudo, intensa propaganda no sentido duma sistemática O. P., a começar desde a escola. Na Austrália, Bélgica, Chile, Nova Zelândia, Suécia e Grã-Bretanha também admitem este caráter facultativo. Julgamos necessária a oficialização pelos menos nos grandes centros de população, e nas cidades industriais principalmente. O govêrno deve intervir, criando centros de O. P., com um corpo técnico especializado. A França, a Argentina, o Peru, a Polônia e a Tchecoslováquia, adotaram o princípio obrigatório do exame de O. P. para cada criança que deixa a escola. Na França, a lei obriga o empregador não aceitar o menor de menos de 17 anos sem o atestado de um centro de O. P. E' indiscutível que um país que necessita de uma economia sólida, planificada, bem dirigida no sentido do bem geral coletivo, necessita de uma distribuição coerente dos seus jovens trabalhadores. O método adotado na Polônia parece-nos o mais racional: todas as crianças, ao deixar a escola, submetem-se ao exame de O. P. antes de entrar em qualquer emprêgo, aprendizagem ou qualquer outro curso. Tem um cunho obrigatório, que não aceitamos facilmente com o nosso espírito democrático, mas, em essência, é de fato uma medida útil, facilitando e incentivando a juventude a obter o emprêgo adequado e favorecendo assim a economia do país. Recentemente, o govêrno norte-americano publicou uns estudos detalhados feitos em 1944-45, sobre os métodos mais adequados a serem empregados para orientação e seleção dos jovens trabalhadores, com o título de: "Selection of students for vocational training". O aspecto econômico na O. P. tem como principal objetivo chamar a atenção

sobre o desemprego, sobre a possibilidade de se evitar essa "chômage" entre jovens e entre homens válidos, ora numa variedade de profissões sem nunca atingir um resultado satisfatório para si e para a sociedade, ora derrapando quase sempre para o vício e para o crime. A "chômage" é o ponto nevrálgico na economia das nações e a O. P. é, inegavelmente, um dos corretivos mais eficientes para conduzir essa massa de desajustados. Nenhum serviço de emprego pode desprezar os benefícios da psicotécnica. Um meio também interessante e eficaz seria decidir os empregadores em geral a não admitir empregados sem um exame de O. P., feito em institutos do governo ou particulares, de idoneidade reconhecida. Na Austrália, Nova Zelândia, Reino-Unido e na Suécia, a maioria dos empregadores já se comprometeram a isso fazer. Outro meio seria a propaganda intensiva como se faz com a prevenção de acidentes. A Argentina, com o Instituto de Psicotécnica e Orientação Profissional, já vem fazendo uma eficaz publicidade sobre os benefícios da O. P. A pré-orientação escolar é, sem dúvida, o melhor método, não só de propaganda como de eficiência futura, a criança já se manifestando, já vindo florescendo as suas tendências adormecidas. Há ainda necessidade de uma renovação do exame de O. P., pelo menos dois anos após o seu primeiro certificado. Sob o aspecto econômico, sobre a validade do melhor rendimento do indivíduo que trabalha bem orientado em seu ofício, não há mais discussão. As medidas de propaganda sistemática, chamando a atenção dos pais e empregadores como dos futuros empregados, dos adolescentes em geral, essas medidas são da mais alta valia em todos os países e quem sabe se não haveria uma paz mundial definitiva, cada um no seu justo lugar, todos beneficiados pela O. P.! O mercado do trabalho deve estar em íntima colaboração com os serviços de O. P. e os vastos planos econômicos e sociais deviam ouvir a palavra dos peritos em psicotécnica. Não se arranja um bom empregado facilmente e o orientador profissional deve estar vigilante, atento, devendo ser ouvido sempre. Não se pode planejar grandes obras sem material, e o material humano é o mais nobre e imprescindível. Não se pode separar, portanto, um serviço de emprego de um serviço de O. P., sem o que os resultados serão desastrosos. Em todos os países em que há um Serviço Nacional de Emprego, está sendo observada essa união, da O. P. e da colocação dos jovens trabalhadores, unificados em uma única organização administrativa. O controle do indivíduo orientado deve ser contínuo, nunca havendo uma perda de contato com o centro orientador. Isto, grande número de países estão adotando com os melhores resultados pelo menos na França, Tchecoslováquia, Áustria, Bélgica, Grã-Bretanha, Polônia, Austrália; no Canadá e nos Estados Unidos, muitas escolas secundárias possuem uma organização de O. P. que os auxiliam mesmo quando os ex-alunos têm qualquer dificuldade de emprego ou de adaptação. Vemos como o papel da orientação se projeta no meio econômico

e social das nações, o valor indiscutível de sua ação benfazeja e humanitária. Em um recente inquérito feito na cidade de Nantes (França) verificou-se o quanto a orientação é necessária. Em 300 adolescentes orientados, estabeleceu-se o quadro seguinte:

Mudaram de profissão	26
Ficaram na mesma profissão	274
Não orientados, também	300 jovens
Mudaram de profissão	201
Ficaram na profissão escolhida . . .	99

Não há exemplo mais concludente.

Na Bélgica, em 1947, o Centro Nacional de O. P. fez um inventário dos resultados obtidos pela orientação em 10 anos e em 100.000 casos e observou que 70% não mudaram de emprego e continuavam satisfeitos nos mesmos. O problema econômico é básico no problema humano e é a O. P. quem poderá, num futuro próximo, assentar os alicerces para um rumo perfeito nas sociedades futuras. Essa agressividade individual e que se estende às próprias massas humanas, vindo dos recessos do inconsciente, não tem outra fonte a não ser a fome e a miséria dos que sofrem, sem lar e sem pão e que, pelo contágio mental, invadem as sociedades, dando êsse pavor mundial, essa ansiedade que não sabemos mesmo esclarecer. É o desajustamento econômico, o alicerce dêsse mal-estar universal. A Segurança Econômica e a O. P. foi um tema considerado no Congresso Internacional de Saúde Mental, reunido em Londres, em 1948, proposto por Rees, Presidente do Congresso, redigido nos termos seguintes: "A saúde mental na indústria e as relações industriais. Relações humanas. Moral. Orientação e Seleção Profissionais". Em todo o consenso humano, mundial, está se estratificando a noção dos benefícios da O. P. em relação com o progresso e a felicidade dos que trabalham. Ruskin dizia que "as veias da riqueza são de púrpura e estão na carne; o operário é uma máquina que tem como força, uma alma", e esta alma tem o preço do ouro, acrescentamos nós. A O. P. luta contra o fracasso, e êsse é individual e, futuramente, social e econômico. Henry Ford dizia muito bem que "se dê ao lado humano da indústria a mesma importância que se dá ao lado material". É inadmissível que neste século com tanto progresso material e intelectual, ainda seja possível uma neurose social que é a compensação dos fracassos econômico-sociais e que se intitula, disfarçadamente, como revolução, greve, fome e guerra. O problema da servidão humana passou mas ficou ainda insolúvel o problema da subsistência. O homem deixou de ser escravo mas a sua alforria ainda não foi compensada totalmente. Morrem de fome, no mundo atual, milhões de seres humanos. Não podemos dizer que é a O. P. quem vai resolver tal problema, rapidamente, mas, será sob um planejamento onde entrem psicotécnicos que êsse problema poderá ser tratado e resolvido, futuramente. Se valores sociais como a arte, a moda,

a língua, os símbolos, as lendas, os mitos, o folclore e outros grupos estilizados dependem de uma estratificação seletiva, nada mais fácil do que induzir indivíduos e povos a um processo racional de O. P. e Seleção que os conduzirá a uma felicidade possível. A defesa que o escravo tinha quando não podia trabalhar naquilo que êle repugnava, resultava na vadiagem, nas fugas e na agressividade. Corrigir êsse aspecto de desajustamento que, no homem livre se traduz na vagabundagem e no vício, é tarefa da O. P., ajustando o motor humano desde cedo para enfrentar a vida social sob qualquer prisma. Quanto maior o número de máquinas tem surgido, procurando simplificar o rendimento, nada mais tem sucedido que o aumento constante de técnicos e o aumento simultâneo da produção.

No Brasil, em 1880, o número de estabelecimentos industriais era 636 e 54.169 operários. Em 1907, subiu a 3.250 industriais e 150.841 operários. Em 1947, atingiu a 92.000 estabelecimentos industriais e 1.465.456 operários. No momento, o Brasil deve possuir mais de 100.000 estabelecimentos industriais e cerca de 2 milhões de operários. Existem qualificados, com preparação mais ou menos perfeita, cerca de 550.000 trabalhadores. Para êste fim tem contribuído fortemente o SENAI, na órbita industrial e o SENAC, na órbita comercial. O SENAI com uma frequência atual de mais de 20.000 aprendizes com cerca de 100 escolas espalhadas por todo o país. O SENAC, com uma frequência, no momento, de 8.000 alunos e 14 escolas.

O Brasil entrou decidido na arena industrial, assim como a maioria dos países, após a 1.^a guerra mundial e vem, com o SENAI e o SENAC, procurando criar um qualificado e eficiente proletariado consciente dos seus deveres para com a Pátria. Não procuramos estudar o fenômeno econômico nacional e sim o papel mundial da economia em face da O. P. O aspecto é geral, tanto social como assistencial cujo fim é o rendimento, a produtividade maior. Um mundo de problemas envolve êsse aspecto novo, interessante, do estado ótimo das populações. Há que se estudar o trabalho através de sua evolução histórica, a sua significação como fator econômico-social e as suas relações entre particulares e governo, tudo envolvido no vasto sistema duma Economia Política, mas elástica, em que o homem, o motor humano deve ser tratado com especial atenção. A dinâmica do trabalho arrasta consigo os problemas de psicologia, fisiologia, higiene, cultura e comportamento do indivíduo e são os técnicos de O. P. que vão procurando dar as soluções precisas, científicas para êsse ótimo de vida econômico-social das nações. O Fayolismo e o Taylorismo contribuíram para novos rumos no trabalho mas não conseguiram o que tudo esperavam porque olharam o homem mas não o estudaram em sua intimidade psicofísica. Gulick disse muito bem que “os seres humanos são fermados de pensamento e emoção e não se ajustam quando são tratados como

simples dentes de uma roda...” A O. P. tem como todo o ramo científico, sofrido suas críticas, essa “influência perniciosa” que Cesar Madariaga nos fala em seu belo livro sobre Reeducação Profissional. Como diz muito bem Alfred Sauvy em seu magnífico trabalho sobre “Riqueza e População”: “o progresso técnico procura sempre o enriquecimento, o progresso econômico, e isso se obtém com a formação profissional, em grande escala”. Devemos, portanto, acreditar no homem, estudá-lo profundamente, crendo na sua força e na sua moral, nas suas qualidades superiores. O que compete a todos nós que nos interessamos pelos ideais de paz e solidariedade mundial, é o de criar um novo indivíduo, e se estamos no século da criança, acrescentemos que estamos no século da criança-aprendiz, futuro obreiro da grandeza de suas pátrias.

CONCLUSÕES

a) O aspecto fundamental da O. P. é a libertação do homem, dando oportunidade a suas vivências, ocultas e disfarçadas, a se manifestarem e assim ser possível tomarem um rumo útil e progressista, para o seu bem-estar econômico e social.

b) O aspecto econômico na O. P. reside numa planificação de atitudes, tanto dos governos como dos empregadores, no sentido de que o adolescente encontre uma profissão de acordo com as suas aspirações e capacidade para o bem-estar individual e social.

c) O aspecto econômico na O. P. tem como fim favorecer a possibilidade do bem-estar coletivo, com uma produção crescente e uma diminuição de trabalho fatigante.

d) A O. P. bem conduzida, consegue baixar o número de acidentes e de doenças profissionais, reduzir a taxa de fadiga, diminuindo o absenteísmo e aumentando a produção.

e) A O. P. melhorando a qualidade profissional permite compensar as insuficiências quantitativas de pessoal, promovendo uma distribuição equitativa e ótima para a luta contra a diminuição do rendimento humano.

f) O problema do desemprego não pode estar afastado dos serviços da O. P.

g) A reeducação e a readaptação profissionais não podem ser realizadas sem o auxílio da O.P.

h) As crises econômicas e depressivas das nações podem, cientificamente, ser diminuídas com a ajuda da O. P.

i) O nível ótimo de um povo é considerado assim quando se aliam a ótima produtividade com os úteis ensinamentos morais e a O. P., tanto conduz o adolescente a escolher a sua profissão como, estudando a sua personalidade, pode influir decisivamente no seu aprimoramento social, cooperando, portanto, para um novo rumo de estabilidade econômica, para si e para o seu país.